

Apresentação

Este segundo número reafirma o perfil da revista

Os artigos estão organizados num movimento de aproximação, do plano geral a singularidades: do campo visitado na interface entre política (instituição) e epistemologia (produção de conhecimento), passa-se por linhagens coletivas de pesquisa (recepção e cibercultura) e individuais (o pensamento de José Luiz Braga), até chegar a proposições autorais em torno de objetos comunicacionais. Esses são focos de reflexão que vêm se desenvolvendo, conforme se observa também no GT de Epistemologia da Compós.

Este número, portanto, começa com a visão de campo, horizonte ampliado sobre onde podemos nos mover, focando questões precisas em debate atualmente. No artigo de Vera França e Aídar Prado, de forma sistemática e argumentativa, o epistemológico é visitado por esse tema que tem sido atravessado por ações políticas institucionais. As perguntas que apresenta direcionam a reflexão:

“Que compromissos a produção de conhecimento está selando com a atual política de desenvolvimento científico no país?”, As perguntas sucessivas indicam o percurso de uma reflexão que nos tormenta: “Estamos construindo esse campo como uma ciência para e pelas mudanças?”; “[...] desempenho para quê e em que direção social?” “[...] como formar os professores da rede básica para os problemas comunicacionais do presente?”; “[...] internacionalizar como e para quê?”.

Ao nos apresentarem com esse balaio de questões, articuladas, os autores enfrentam, epistemologicamente, o que se tem refletido pouco na área. Em geral, há uma forte tendência à adoção de bandeiras de luta, provocações, docu-

mentos políticos, falta de audácia reflexiva. Esse caminho de pergunta não evita algumas respostas, especialmente na crítica ao que identificam como possibilidade do vazio:

Estamos numa grande corrida para alcançar bons índices de produção científica, aumentando o número de produtos de conhecimento. Entretanto, se o conhecimento gerado se esvazia, estamos apenas produzindo índices... Índices vazios, ícones do mesmo. É preciso nos perguntar, para além dos índices, o quanto de efetivo conhecimento estamos produzindo – e o quanto este conhecimento retorna e afeta o mundo. E aí chegamos à terceira indagação, que é a da responsabilidade social da ciência. O compromisso e o objetivo de nossa produção não são (ou não podem ser) determinados pela produção de índices – com a nota de nosso programa, com a performance de nosso Curriculum Lattes, mas com a qualidade desse conhecimento e com a possibilidade de seu impacto no âmbito da sociedade, como dissemos desde o início de nosso texto.

Os dois artigos posteriores, de Serge Proulx e Luís Mauro Martino, se envolvem com outra forma de trabalhar a epistemologia da comunicação: as reflexões transversais, inter e entre linhagens de pesquisa em desenvolvimento na área.

O artigo de Proulx acompanha os estudos de recepção no espaço da francofonia a partir de uma experiência de pesquisa própria, em que viveu os dilemas, questões e respostas vinculadas às diversas tentativas desenvolvidas nessa linhagem. Sagaz, Proulx localiza questões epistemológicas como pontos de desarticulação e articulação que

identifica no processo de pesquisa, em uma malha que se constitui em vários espaços e tempos, fazendo, aí, o seu próprio desenho, com traços finos e bem definidos, sobre como o epistemológico está no ventre da pesquisa. Nesse sentido, não é alguém que faz epistemologia sobre o que outros fazem; mas faz epistemologia no âmbito de seu próprio fazer, indicando aos pares que também fazem nessa mesma linhagem o que o leva a escolhas, decisões e novas questões. Ao colocar os limites da pesquisa de recepção, Proulx nos aproxima de impasses observados e discutidos nas sociedades científicas francófonas, que certamente estão sendo também enfrentados no Brasil e na América Latina, sobre as possibilidades da pesquisa em recepção.

O artigo de Luís Mauro Martino também busca transversalidades. Porém, agora não dentro de uma mesma linhagem de pesquisa, mas entre linhagens de pesquisas, diversas, que reúne como eixos da pesquisa em Cibercultura. O interessante em seu trabalho é colocar a Cibercultura como guarda-chuva de um universo tão diversificado. Mas tem consciência disso, quando diz:

É certo que nem todos os nomes apontados poderiam ser considerados, de imediato, como autores da “Cibercultura” no sentido amplo e comum do termo. No entanto, pensando com Rüdiger (2011, p. 8) que “os computadores e a internet já são, eles mesmos, efeitos do que, estrito senso, se pode chamar de cibercultura”, os vínculos com as genealogias da área ficam mais visíveis.

O trabalho de Luís Mauro está em buscar, nessas diversas formulações, pontos de contato, tensões e conflitos epistemológicos. É um trabalho de desafios, pois, afinal, os teóricos reunidos num mesmo quadro não se encontra(ram). Não é ausência apenas de agendas, ou decorrência de terem vivido em lugares e tempos diferidos. É ausência de uma prática de interlocução que somente o necessário e infundável trabalho epistemológico pode recuperar em zonas de metacomunicação.

O artigo do jovem professor Eduardo Yuji Yamamoto é de uma extrema oportunidade e qualidade. Agrega à revista o necessário processo de sistematização sobre o pensamento de pesquisadores no Brasil. A estruturação do artigo já demonstra o veio epistemológico de Eduardo, bem indicado em seu resumo, quando diz como agenciou a produção de José Luiz Braga:

1) Epistemologia: apresentação do golpe cognitivo que institui um objeto de pesquisa; 2) Ontologia: definição da comunicação enquanto processo de transformação da linguagem (código, instituição social, cultura, etc.); 3) Metodologia: descrição do procedimento indiciário e inferencial para a investigação do referido objeto.

Ao oferecer esses três tópicos, Eduardo sugere uma forma de organização da produção de José Luiz Braga, em direções produtivas, diferenciadas e necessárias na área da comunicação no Brasil. Faz isso como um próprio, pois não está escrito que assim deva ser pensado o pensamento de Braga.

Os dois últimos artigos, de Eduardo Vizer, compartilhado com Helenice Carvalho, e Gustavo Said e Michael Stricklin, são trabalhos de construção teórica e autorais. Invenções.

Eduardo Vizer e Helenice Carvalho dão novas roupagens à abordagem socioantropológica da comunicação organizacional que os aproximou nas trocas e trabalho intelectual. Um trabalho de artesanato fino, essa formulação nos oferece uma compreensão de processos comunicacionais constituídos a partir da cultura, configurando dispositivos, que são interfaces das constituições organizacionais e comunicacionais. Trata-se de buscar uma nova visão, perante a “in-disciplina que caracterizou as investigações em comunicação”, inabordável com os instrumentos teóricos e metodológicos das ciências sociais clássicas.

O outro trabalho de cunho autoral é de Gustavo Said e Michael Stricklin. Também é disposto em três direcionamentos: a) o estudo da subjetividade de Bakhtin através do conceito de dialogismo, b) a explicação do método Q de Stephenson e sua aplicabilidade na quantificação modelar das subjetividades em contextos interativos, c) a análise daquela aplicabilidade considerando a dinâmica de construção das subjetividades. No artigo, os autores navegam, audaciosos, na busca de elementos interpretativos que permitiriam uma aproximação epistemológica entre dois autores considerados distintos, Bakhtin e Stephenson.

Referências

RÜDIGER, F. 2011. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. *Revista Matrizes*, 5(01):45-61, jul./dez.